

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

POR UMA CANÇÃO

3 de Agosto de 2021

LIKE SOMEONE IN LOVE / 2012

LIKE SOMEONE IN LOVE

um filme de ABBAS KIAROSTAMI

Realização, Argumento: Abbas Kiarostami *Fotografia:* Katsumi Yanagijima *Som:* Mohammad Reza Delpak, Reza Narimizadeh *Montagem:* Bahman Kiarostami *Direcção artística:* Isomi Toshihiro *Canções:* *Like Someone in Love* (Jimmy Van Heusen, Johnny Burke, cantada por Ella Fitzgerald); *Solitude* (Eddie DeLangem Duke Ellington, cantada por Duke Ellington); *Trane's Slow Blues* (J. Coltrane, cantada por Hod O'Brien/Ted Brown); *Sophisticated Lady* (Irving Mills, Mitchell Parish /Duke Ellington, cantada por Ella Fitzgerald) *Assistente de realização:* Yuichi Tazawa *Efeitos visuais:* Nicolas Marcos *Interpretação:* Tadashi Okuno (Tadashi Watanabe), Rin Takanashi (Akiko), Ryo Kase (Noriaki), Denden (Hiroshi), Reiko Mori (Nagisa), Kaneko Kubota (avó de Akiko), Ryota Nakanishi (um estudante).

Produção: Euro Space, MK2 Productions (França, Japão, 2012) *Produtores:* Charles Gilibert, Nathanaël Karmitz, Abbas Kiarostami *Cópia:* Midas Filmes, dcp, cor, legendada em português, 109 minutos *Estreia:* 11 de Abril, no Chicago International Film Festival (EUA); 21 de Maio de 2012, no Festival Internacional de Cinema de Cannes (França) *Ante-estreia em Portugal:* 14 de Setembro de 2013, na Cinemateca ("Ante-estreias") *Estreia em Portugal:* 26 de Setembro de 2013.

LIKE SOMEONE IN LOVE é a viagem a Tóquio de Kiarostami. O filme abre no interior nocturno de um bar em Tóquio, com a câmara fixa à altura de Ozu a olhar o vaivém das pessoas em campo, a escutar as suas conversas dentro e fora de campo, sem que se distinga imediatamente a quem pertencem as vozes. Um Kiarostami japonês, com actores japoneses, uma equipa predominantemente japonesa? A ideia soa estranha, o Irão parece ficar noutra galáxia. Mas a verdade é que Kiarostami não filmava no Irão há já algum tempo, e a sua afinidade com o Japão vinha, contou ele, da descoberta de Ozu na Cinemateca de Teerão antes dos 20 anos (Yasujiro Ozu é, como Buster Keaton, uma referência fundamental da sua cinefilia; a ele dedicou FIVE – DEDICATED TO OZU) e de uma primeira visita ao país há outros tantos anos. Kiarostami também contou (lê-se em entrevistas que deu a propósito deste filme) que se sente bastante japonês (sentimento esse estampado nas fotografias do seu livro *Snow White*, disse ele), ainda que revele igualmente que as filmagens de LIKE SOMEONE IN LOVE tiveram as suas dificuldades, vindas do que se perde na tradução, se assim se pode dizer. A história é de bastidores, nada dela passa para o filme, à medida de Kiarostami.

Este é o filme em que reencontramos o cinema de Kiarostami no Japão, entre vidros, dentro de carros (sempre), com canções americanas, uma inquietante e muito bela estranheza. A história é a de três personagens, *like someone in love*, menos de vinte e quatro horas na vida de três personagens – dois homens de gerações diferentes, uma rapariga, em Tóquio e arredores. “Não te estou a mentir. Alguma vez te menti?”, são as primeiras duas frases do filme, de Akiko, ainda que o não saibamos quando as ouvimos destacarem-se dos múltiplos sons de fundo do bar. LIKE SOMEONE IN

LOVE é um filme de verdades e de mentiras, ou de realidade e aparência, grande tema de Kiarostami, desde que começou a filmar nos anos 1960 fazendo, muito, pelo cinema iraniano, que por essa altura se tornou Novo. A história é longa, feita de filmes ditos simples na exacta medida da sua sofisticada elaboração, mas talvez baste lembrar que, em 1990, num dos seus filmes que mais claramente convoca uma reflexão sobre o cinema, CLOSE-UP, explicitamente centrado na acção de um espectador de cinema que se faz passar por um realizador de cinema, Kiarostami encena a questão do verdadeiro e do falso – ou do fictício – como poucas vezes aconteceu na História do cinema. Ou ATRAVÉS DAS OLIVEIRAS, em que essa mesma questão se desdobra na da representação e envolve um casal.

Noutro registo, em LIKE SOMEONE IN LOVE as coisas não são necessariamente o que parecem, do mesmo modo que não são – nunca – declaradas: o diálogo sobre a reprodução do quadro famoso, fala de identidade e de parecenças, e, uma vez mais, da *aparência* delas; Akiko insiste em sentir-se parecida com outras pessoas, numa afirmação que vai além da necessidade de ocultar que é realmente aquela que parece ser ela na fotografia tirada no ano em que chegou a Tóquio; o velho professor começa por iludir, por omissão, que não é aquele por quem o rapaz o toma no diálogo dentro do carro quando estão só os dois e depois, quando diz a verdade, o rapaz não o leva a sério, como a sério o não leva quando ele lhe exprime a importância do que a experiência ensina – “Então a experiência é engolir uma catrefa de mentiras?”, atira o rapaz. O velho professor: “Quando sabemos que podemos ouvir mentiras, o melhor é não fazer perguntas.” A frase também parece dizer “Queres assim tanto saber a verdade?”, porque nesse momento o velho professor dentro do seu carro preto lembra o velho sábio taxidermista dentro do jipe branco de O SABOR DA CEREJA, em resposta de entrelinhas ao homem que procura uma testemunha para o seu suicídio: “Quer assim tanto fechar os olhos?”

As coisas, em LIKE SOMEONE IN LOVE mantêm a reserva, uma dose de ambiguidade, zona em que, aliás, tudo se joga como indica o título, “roubado” a Ella Fitzgerald: “*como se*”. “Each time I look at you, I’m limp as a glove / And feeling like someone in love / Feeling like someone in love”. Kiarostami: “O filme é de facto sobre parecer estar apaixonado, não sobre estar apaixonado. O amor não é abstracto nem absoluto, é relativo e significa várias coisas. E também muda.” A história da rapariga que é universitária e prostituta, do rapaz novo e possessivo, do velho professor sábio e solitário, não se decifra com a canção, segue-se por entre o burburinho da cidade (sempre presente na banda de som), as interrupções constantes dos toques de telemóvel, atendedores de chamadas, toques de campainhas que se intrometem nos espaços e nos passos das personagens. E nos seus reflexos, anunciados na sequência de abertura, especialmente visíveis nos planos exteriores, nos dos percursos de carro – estamos num filme de Kiarostami, boa parte dele passa-se dentro de carros em andamento –, assombrosos no plano do *raccord* da noite em casa do velho professor e do dia seguinte, muito claro, em que a rapariga e o professor são filmados no casulo do carro dele como se estivessem suspensos do tempo e do espaço, com o vidro dianteiro a ser varrido pelos reflexos do céu e das nuvens.

A sensação de “deslocamento” das personagens umas em relação às outras é favorecida pelo que cada um dos actores lhes traz: a vagueza do olhar da rapariga, o nervosismo ansioso e a fúria latente do rapaz, a indecisão do velho professor que atinge uma dimensão absolutamente perturbante na absolutamente perturbante última cena, com ele a andar de um lado para o outro sem saber o que há-de fazer, sem largar o cotonete da mão, enquanto as suas palavras tentam sossegar a rapariga,

antes da brutalidade do desfecho apesar de tudo inesperado. Disse Kiarostami que os dirigiu surpreendendo-os com o guião que só lhes passava à medida que a rotação ia acontecendo, ou surpreendendo-os com situações e diálogos (parece ter sido o caso na cena em que Akiko se deita e convida o velho professor a vir deitar-se com ela, que o actor não esperaria). Como em regra acontece nos seus filmes, os actores parecem ter sido feitos para as personagens, verdadeiramente *como se*. Como diz a canção. E sob a melodia das variações, no seu “filme japonês”, Kiarostami é mais melancólico do que nunca.

Este texto acabava aqui (ou ali, no último parágrafo), não se sabia ainda que depois de LIKE SOMEONE IN LOVE só reencontraríamos o cinema de Kiarostami em epílogo póstumo (24 FRAMES). “Que sera, sera”, trauteia o velho professor que o futuro que não é nosso para adivinharmos reservou como personagem do último plano do último filme de Kiarostami. A cena guarda uma brusca saída de campo à personagem. O final, logo sossegado, ou desassossegado, pela canção de Ella Fitzgerald que por fim se ouve inteira e em primeiro plano mal os créditos começam a correr é, como se disse, brutal. Marcado pelo estilhaço que culmina o crescendo da sequência construída no silêncio do interior da casa, e na estridência do que vem da rua, nos movimentos atordoados das personagens lá dentro e na explosão dos movimentos da personagem lá fora. Em Tóquio, o cinema iraniano de Kiarostami acaba com a surpresa de um estouro.

Maria João Madeira